

PALAVRAS DE FÉ E INSURGÊNCIA NA POÉTICA DE PEDRO CASALDÁLIGA

*FAITH AND INSURGENCY
WORDS IN PEDRO
CASALDÁLIGA'S POETIC*

Pamela Lorena Calente Mattos Lins¹
(UNEMAT)

Karina Aparecida Justino Toniasso²
(UNEMAT)

Isaac Ramos³
(UNEMAT)

¹ Mestranda no programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNEMAT, Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Tangará da Serra, sob a orientação do Prof. Dr. Isaac Newton Almeida Ramos. E-mail: pamelacalente2@gmail.com.

² Mestranda no programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNEMAT, Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Tangará da Serra, sob a orientação do Prof. Dr. Isaac Newton Almeida Ramos. E-mail: karinajustino1@gmail.com

³ Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP (2011). Mestre em Letras pela USP (2002), na mesma área. Graduação em Letras pela UFMS. Departamento de Letras de Alto Araguaia. FALACT. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL - UNEMAT). Coordenador do Projeto de Pesquisa “Signos e significados na poética engajada de D. Pedro Casaldáliga” (FAPEMAT/UNEMAT).

RESUMO: O presente artigo tem a finalidade de evidenciar a poética de Pedro Casaldáliga, um missionário em busca dos direitos perdidos. O Bispo chegou ao Brasil em um período marcado pela ditadura militar, seus versos apresentam palavras de orientação, a partir de um caminho religioso que reflete em ações militantes em busca da liberdade. Ao analisar os poemas “El hombre nuevo” e “Camino que uno es”, o propósito é demonstrar como o seu fazer poético está conectado com seu trabalho de nortear os caminhos, de ser a voz dos oprimidos. Ante um cenário de conflitos, a voz cristã clama à resistência e à luta, ações necessárias para enfrentar as desigualdades políticas e sociais encontradas no interior de Mato Grosso.

PALAVRAS-CHAVE: Pedro Casaldáliga; poética; palavras; liberdade; resistência.

ABSTRACT: The aim of this paper is to highlight Bishop Pedro Casaldáliga’s poetics, who was a catholic missionary whose great quest was to fight for the rights of the poor. He arrived in Brazil during its Military Dictatorship and most of his lines consist of guiding words and religious ideas that led to militant attitudes in pursuit of freedom. We intend to demonstrate how his poetry is connected to his efforts as a guide and a spokesman to the unfortunate ones by analyzing the poems “El hombre nuevo” and “Camino que Uno Es”. Inserted in a not peaceful context, the christian voice calls for fight and resistance as necessary steps to oppose social differences and political misrepresentation in the brazilian state of Mato Grosso.

KEYWORDS: Pedro Casaldáliga; poetics; words; freedom; resistance.

Pedro Casaldáliga deságua “Palavras Militantes”

No ano de 1968, Pedro Casaldáliga chega ao Brasil. Em 1971, é ordenado Bispo e estabelece residência em São Félix do Araguaia,

estado de Mato Grosso. Foram anos de grande repressão empreendida pelo regime militar. O Bispo, desde os primeiros momentos em terras brasileiras, inicia um árduo trabalho de denúncia e luta. Ao escrever sua primeira carta, apenas três anos após sua chegada, deixa claro seu compromisso com o povo e com a emancipação humana. Casaldáliga relata:

Depois de três anos de “missão” nesse norte de Mato Grosso, tentando descobrir os sinais do tempo e do lugar, juntamente com outros sacerdotes, religiosos e leigos, na palavra, no silêncio, na dor e na vida do povo, agora com motivo da minha sagração episcopal, sinto-me na necessidade e no dever de compartilhar publicamente, como que a nível de Igreja nacional e em termos de consciência pública, a descoberta angustiada, premente (CASALDÁLIGA, 1971, p.1).

A força poética encontrada nos versos representa a luta pela liberdade dos pobres, que viviam sobre o domínio do medo e do silêncio. Os poemas “El hombre nuevo” e “Camino que uno es”, **escolhidos para serem analisados, estão na obra *Cantares de la entera libertad* (1984).** Em cada verso é possível encontrar a defesa pelo direito humano mais básico: o ser livre. O homem oprimido é convidado a revelar sua força e encontrar o seu lugar, ante aos olhos de toda sociedade, como um ser humano que precisa constituir uma nova identidade e vivenciar uma nova trajetória.

Na combinação entre os ritos religiosos e a luta pelos direitos dos homens, o título do poema busca representar a renovação de um ser aflito que vivencia as dores de seus irmãos. “El hombre nuevo” simboliza aquele que deseja ser purificado pelo batismo, com isso passa a ter uma nova identidade espiritual e carnal, na busca por tornar-se um homem íntegro.

O poema representa a regeneração da força dos “procesados por la represión”. O poeta, ao utilizar parêntesis, logo após o título, abre uma cena imagética ao leitor, por se tratar de um poema híbrido

de gênero epistolar/lírico e, referir-se a uma carta a Maria, à divindade materna cristã.

O eu-lírico clama para que o “Silencio y llanto y grito” sejam acolhidos pela fé e pelos homens, visto que, é no momento da oração que o homem conecta-se com a divindade. A gradação metafórica simboliza o sofrimento dos oprimidos que necessitam ser amparados. O paradoxo “silêncio”/ “grito” nos fazem assimilar o lugar da oração e da luta. O homem ainda vazio, em lágrimas busca seu lugar no mundo.

O poema, a partir do segundo verso da primeira estrofe, prepara o leitor para iniciar um caminho que representa a reconstrução do ser, “es la palabra que me llena ahora/ la boca y el espíritu”. A palavra, segundo Chevalier, simboliza “o próprio princípio da vida”; a sabedoria de Deus sobre os seus filhos. Conhecimento fundamental para preencher a ausência existente no corpo e na alma. A palavra “boca” enquanto metonímia simboliza a “Abertura por onde passam o sopro, a palavra e o alimento, a boca é o símbolo da força criadora e, muito particularmente, da insuflação da alma. Órgão da palavra (verbum, longos) e dos sopros (spiritus), ela simboliza também um grau elevado através da razão” (CHEVALIER, 2012, p. 133).

O ser, até então, consumido pelo vazio da miséria e do abandono social, necessita receber a vida novamente ou a vontade de viver. Como um sopro divino a palavra: “¡la libertad!”, preenche a boca e o espírito. O princípio da reconstrução é o direito à liberdade, que une o corpo e a alma para ressignificar sua vida em sociedade. “Embaraçados em enredos científicos, psicológicos, sociais, políticos e econômicos, os seres humanos ressignificam suas experiências” (FERREIRA FILHO; SOUZA, 2018, p. 210). O Ser livre do domínio e da opressão conquista o direito de lutar e construir uma nova história.

Na segunda estrofe o poema assume uma posição de denúncia às ameaças, ao controle que silencia. No verso “Con cantos

compañeros” os “cantos” representam a voz de “Uma poética que ora, mas também uma poética que resiste, que denuncia, que se levanta contra a violação dos Direitos do Homem” (MAGALHÃES, 2001, p.295). Pedro Casaldáliga canta a verdade diante do poder, combate as mentiras dos discursos políticos e a hostilidade dos grandes proprietários de terras. O capitalismo vale-se da doutrinação do homem para explorar e reprimê-lo de forma cruel.

O segundo verso dessa estrofe, “que la regaron de sangre”, é uma metáfora do sacrifício daqueles que precisam lutar constantemente pela sua sobrevivência, haja vista que os menos favorecidos são esfacelados para privilegiar a elite. O bispo assume uma posição política e “a voz encantadora de seus textos é negada pelas imagens da destruição e da desolação” (MAGALHÃES, 2001, p.285). O capitalismo valeu-se da exploração, para “que floreciese sobre los demás” o monopólio da propriedade, a terra foi regada com o sangue dos menos favorecidos, com isso floresce e frutifica para usufruto daqueles que o veem como seres-objetificados.

O quarto verso da segunda estrofe é composto pela gradação verbal “sufro y canto y velo”; os verbos estão separados por conjunções aditivas “y”, que intensificam o sentimento de dor, de lamento, assim como a gradação nominal do primeiro verso do poema. O verso em questão inicia-se com um pronome pessoal em primeira pessoa “yo”, que repercute o tom intimista existente em uma carta direcionada a alguém muito próximo, como uma relação familiar, de um filho para sua “madre”.

A gradação nominal denota a necessidade da oração em silêncio, com prantos e clamores, e a verbal, aponta para a ação como o complemento da oração. Os verbos representam esse agir do ser que luta, sofre, mas também canta, expressa seus sentimentos, desejos, vela pelo seu futuro, com os olhos abertos e atentos a vigiar.

A composição poética dos versos estão voltados para clamar e conquistar “la libertad”, Casaldáliga:

escreve quebrando o silêncio dos ameaçados e apontando o fingimento afinal brutal e degradante dos oportunistas, Casaldáliga pisa o campo de batalha. Porque o tabuleiro político é de tal maneira armado que para defender os astuciosos existem política, justiça, lei e governo; e para conter os enganados também existem polícia, justiça, lei e governo (FERREIRA FILHO; SOUZA, 2018, p.219).

A luta do eu-poético está claramente indicada pelo uso dos apostos explicativos nos três últimos versos da segunda estrofe, a liberdade suplicada e batalhada é em prol de “los pobres” e a carta/ clamor dirige-se a “madre, la de Cristo”. As palavras-chave “Pobres”, “Cristo” e “Libertad” apresentam-se com a inicial maiúscula, que ressalta a vertente religiosa do poeta. Cristo ao morrer na cruz liberta seus filhos da escravidão do pecado, por conseguinte, não devem aceitar o domínio capitalista, e sim o oposto, buscar o conhecimento, a verdade e reedificar a sua consciência, “la entera libertad!”.

O primeiro verso da terceira estrofe inicia-se com a conjunção condicional “Si” que indica um pedido, a Maria mãe de Jesus, para um novo batismo. O homem precisa entregar-se às águas batismais que destrói o pecado e faz emergir “El hombre nuevo”, condição esta que reconhece a necessidade de um renascimento para a conquista da liberdade.

O eu-poético deseja renascer purificado pela água e pelo sal, ao deixar o pecado que o engana e encontrar-se com a sabedoria, torna-se um ser incorruptível e alia-se a um novo propósito. Ao reconstituir-se mantém apenas “la mejor memoria”, aquela que fortalece o corpo e o espírito.

O quarto verso da terceira estrofe está escrito entre travessões, destacando o aposto, “- con todos los caídos y los que se erguirán -”, os termos “caídos” e “erguirán” indicam o encontro da consciência, que o faz refletir sobre tudo que vivenciou até a necessidade do novo batismo. O novo ser, que antes encontrava-se

vazio, agora vivifica-se com um novo discernimento social, político e religioso.

Casaldáliga denunciou as grandes injustiças sociais e contradições existentes na evangelização sem medo das repressões. “Bela é a filosofia que não teme a diferença nem a contradição; antes, as convoca e as agasalha à sua sombra. Mas, para tanto, deverá também acolher corajosamente o momento não raro ingrato da identidade” (BOSI, 1996, p.47). O silêncio e o medo foi combatido pelo grito de luta daqueles que até então encontravam-se sem voz, essa é a identidade da poética do Bispo que participou e liderou movimentos, que expôs os crimes cometidos contra uma sociedade explorada.

O homem humilhado precisa restaurar sua existência, em virtude disso, clama: “Si me bautizas outra vez”, visto que o batismo é o rito de purificação que interrompe o vínculo com o pecado e permite o renascimento. Conforme Milan Kundera “[...] o homem é separado do seu passado (mesmo do passado de alguns segundos atrás) por duas forças que entram em ação imediatamente e cooperam entre si: a força do esquecimento (que apaga) e a força da memória (que transforma)” (KUNDERA, 2006, p.138). A possibilidade do batismo apaga a submissão do passado e fortalece a consciência, caminho que proporciona o reencontro com um novo ser.

Os últimos quatro versos da terceira estrofe e do poema consistem na voz da consciência, que evoca a partir da apóstrofe “madre” quem deve anunciar o “nombre nuevo”. O uso do pronome pessoal “me” refere-se ao homem que no início era apenas angústia, palavras de dor: “silencio y llanto y grito”, posteriormente, ação, transgressão: “sufro y canto y velo”. Versos que constituem o “nombre nuevo”, que deverá ser anunciado a “Díos y al Mundo”.

A palavra liberdade torna-se recorrente ao longo do poema. Para Riffaterre, “quando repetida, uma dada palavra ou expressão não carrega somente ecos da primeira vez em que foi inserida no texto, mas recebe também influências da estrutura, porque, a cada

vez que a estrutura atua sobre um determinado contexto, o resultado é diverso” (RIFFATERRE, 1973, p.213). “El hombre nuevo” encontra na luta sua identidade “de Pedro-Libertad!”.

A gradação metafórica constitui-se a princípio enquanto grito, e passa a pertencer a ação do sujeito que se constrói enquanto ser. A “Libertad” passa a ser a “la entera libertad”, metonímia do próprio sujeito “Pedro libertad”, que não é só um homem novo, mas um nome que reconstrói agora uma identidade nomeada.

É justamente nessa construção que o homem encontra o incentivo para enfrentar o caminho da busca por conhecimento. A consciência a ser despertada é a travessia do sujeito poético, que deixa a margem vazia da alienação em busca da própria essência. A resistência que ecoa no vocábulo liberdade projeta o nome que se fez luta. Pedro Casaldáliga deságua “Palavras Militantes”, sua poética manifesta denúncias sociais. A verdade expressada em versos procura desencorajar a mentira e vivificar a força, a esperança de um horizonte de possibilidades.

“Compañeros de camino”: A luta de um povo se refaz no presente

O eu-lírico do poema “Hombre nuevo” clama pela ajuda da intercessora cristã, a mãe de Jesus. O poema “Camino que uno es”, o eu-poético convoca o “Peregrino” para um encontro que dialoga com a passagem bíblica: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida” (BÍBLIA, 2006, p. 102). Jesus é o caminho, a luz que guia os passos dos que se encontram perdidos no deserto, a trajetória que pode levar o homem ao encontro com os verdadeiros princípios.

Os poemas em análise estão em capítulos diferentes da antologia *Cantares de la entera libertad*, entretanto, se complementam. O primeiro poema está no segundo capítulo intitulado “Palavra militante”. A palavra que tem o poder de “llenar ahora/ la boca y el

espírito:”. O segundo poema está no terceiro capítulo que é nomeado “Compañeros de camino”. Segundo o texto bíblico: “A tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho” (BÍBLIA, 2006, p.504). As passagens bíblicas se encontram com as expressões poéticas, para juntas constituírem o horizonte: o “Camino que uno es”.

“Hombre nuevo” trouxe a representatividade da voz coletiva com o verso “Con cantos compañeros”. A transposição de um eu para um nós faz-no adentrar à poética de “Compañeros de camino”, um poema que dialoga com os versos do Canto XXIX, de Provérbios y cantares, do poeta espanhol Antonio Machado:

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.
(MACHADO, 1978, p. 200).

As articulações dos poemas em análise criam um estado de movimento, o intertexto em questão traz a certeza da necessidade do impulso, para conquistar o direito de articular contra a estabilidade das formas de exploração e inclusive das políticas de dominação. Os versos de Casaldáliga respondem de forma afirmativa: “Peregrino, sólo hay camino,”, enquanto Antonio Machado nega “Caminante no hay camino/se hace camino al andar.”. Ambos aguçam a necessidade de ação, seja o caminho construído ou conduzido existe o caminhar.

A poética de Dom Pedro Casaldáliga é a escrita de um eu coletivo. Um eu que nos remete à luta de grupos armados na bordas do Araguaia, um eu que nos fala dos que tentam resistir à nulificação cada vez mais próxima, um eu que nos fala de camponeses que se reúnem em colônias de resistência nas igrejas e nos sindicatos, de corpos que tombam, de uma realidade que ultrapassa a ficção (MAGALHÃES, 2001, p.295).

O mundo capitalista oferece a calamidade econômica aos pequenos proprietários de terras, que precisam lutar pela sobrevivência. As principais vítimas da violência, na região do Centro-Oeste do Brasil, eram os pequenos proprietários de terras, que sofriam com as ameaças dos grandes latifundiários, como também atingiam indígenas, quilombolas e ribeirinhos.

O eu-poético não aceita a passividade, ao apresentar o “camino” da resistência, o sujeito busca a transformação do ser, que encontra-se desorientado diante dos inúmeros ataques à sua integridade física e psicológica. A única alternativa é a luta, “Camino que uno es”. Ao caminhar deixa a possibilidade do vazio e vai ao encontro da verdade e da vida.

A primeira estrofe do poema apresenta no primeiro verso o vocativo “Peregrino”; o segundo verso anuncia o aposto “solo hay camino”. O eu-poético está aconselhando o homem que, até então, encontra-se confuso ou mesmo abalado perante a realidade. O adjetivo “sólo” representa a escolha entre o nada e o tudo, o cheio e o vazio. Não há muitas possibilidades. Manter a inércia e permanecer na submissão, ou percorrer o caminho e “no más” ser um desvalido.

A poética de Casaldáliga representa um caminho de possibilidades. O uso do verbo no modo subjuntivo indica que dependerá das ações do “Peregrino” para que o mesmo não permaneça na sua atual condição, “a recusa irada do presente, com vistas para o futuro, tem criado textos de importante força poética” (BOSI, 2000, p. 185). Existe o caminho e dele não se pode evadir porque “Peregrino/ solo hay camino/ no más”.

As dificuldades encontradas pelo poeta ao conhecer o interior do Mato Grosso, fez com que ele escrevesse pensando no dever de orientar, usasse a linguagem bíblica em comunhão com a força existente na ação, na luta política e ideológica pela liberdade. O poema traz uma voz que acolhe o sujeito, que até então, encontrava-se marginalizado e apresenta-lhe a esperança, sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja, para que o amanhã não seja apenas espera e sim uma conquista do devir.

Na segunda estrofe, a voz poemática não promete bens materiais: “Casa y labrantío/no sé si tendrás.”, “Tierra para sepultura/todos no van a encontrar”. Tudo dependerá do seu caminhar. A personalidade utilizada no verbo “tendrás” representa o homem que até aquele momento encontrava-se solitário, repleto de dúvidas e medos. A incerteza permanecerá no sujeito enquanto ele não encontrar o propósito da vida, que consiste em deixar de ser uno e tornar-se muitos. No quarto verso o verbo é conjugado na terceira pessoa do plural, que afirma “todos no van a encontrar”. A escolha está entre permanecer só e alheio às causas sociais ou seguir junto ao seu povo e contra os valores capitalistas.

O poeta percorre o espaço do canto e das letras, como fontes de utopia ante um cenário de dor e miséria. Os versos “solo hay camino,/ no más” evidenciam “a utopia do Reino, da sociedade igualitária ou do comunismo universal que leva o escritor a afrontar os seus contemporâneos. Com os olhos postos no dia que há-de vir, desmascarar as tramas da ideologia corrente” (BOSI, 2002, p. 36). A terceira estrofe é o refrão que ecoa o próprio caminho, a jornada presente no fazer poético de Casaldáliga é grito, aconselhamento poético e cristão, daquele que direciona a escrita durante o seu próprio caminhar.

O primeiro verso da quarta estrofe “Camino que uno es” reitera o título, a elipse evoca o Peregrino, para que ele não desista da luta, que construa o caminho ao caminhar, que seja resistência e não inércia ante as próximas gerações. Os versos seguintes dessa

estrofe apresentam os objetivos pelos quais o romeiro deve continuar a sua caminhada, para que os os espaços vazios possam ser preenchidos de espiritualidade e coragem. O poeta apresenta metáforas do plano psicológico: “Para que los atascados / se puedan reanimar. / Para que los muertos / no dejen de estar”. A luta é constante e deve manter-se para honrar aqueles que fisicamente não estão mais presentes, são essências que embalsamam essa terra.

O eu-poético propaga a missão do intelectual que resiste a repressão hegemônica e escolhe “alinhar-se aos fracos e aos que não têm representação” (SAID, 2005, p. 35). Ao olhar para dentro de si encontra a sabedoria, até então resignada ao poder do outro. O compromisso do intelectual é despertar as consciências “atascadas”, para aqueles que ainda encontram-se substancialmente alienados, “puedan el camino hallar.” O ser aprende com o outro a romper com os agentes do poder, e com isso, “reanimar” uma nova geração de homens que podem mudar os conceitos sociais.

O poeta e Bispo Pedro Casaldáliga constrói uma trajetória revolucionária; é o próprio exemplo “que uno hace al andar”. Sua vida é alicerçada na verdade, em defesa à vida e aos direitos humanos. O refrão representa o “Camino que uno es” do poeta cristão que ousou defender a vida e a esperança dos que estão à margem da sociedade.

A sexta estrofe encadeia figuras semânticas que reiteram o poder da união, em que é preciso juntar as partes para que o todo seja edificado. A metonímia “somos brazos por demás” é o símbolo do poder, da força existente na coletividade humana. Os versos trazem imagens de proteção e de socorro, uma vez que “nos cerca la alambrada”, os braços são responsáveis por conquistar a justiça. A união dos homens é a ação capaz de promover o rompimento das barreiras sociais.

A personificação paradoxal, “Si la noche se te cierra, / enciende la oscuridad”, configura a urgência do reencontro com a consciência. A noite segundo Chevalier “apresenta um duplo aspecto, o das trevas

onde fermenta o vir a ser; e o da preparação do dia, de onde brotará a luz da vida” (CHEVALIER, 2012, p.640). Ao fechar os olhos o homem é conduzido à reflexão, para que possa encerrar o momento de alienação e reanimar a esperança.

Os versos a seguir apresentam uma metonímia, “juntando todos los ojos / que van por donde tú vas”, que dialoga com o Salmo bíblico, “Desvia os meus olhos das coisas inúteis; faz-me viver nos caminhos que traçaste” (BÍBLIA, 2006. p.502). O verbo “juntando” indica uma ação que está em curso, princípios cristãos e políticos que devem vir a ser. O eu-poético convoca “los ojos”, órgão responsável pela percepção da luz, para que juntos possam encerrar a escuridão e acender um novo dia. O diálogo bíblico proporciona ao leitor uma imagem de lanternas acesas que iluminam o caminho. A jornada do “Peregrino” precisa levar os braços, e os olhos para a direção certa, a que conduz à verdade e à vida.

No primeiro e segundo versos da sétima estrofe ocorre o intertexto bíblico: “Deus é o nosso Deus para todo o sempre” (BÍBLIA, 2006, p.470). A voz poemática está comprometida com a palavra de Deus, que deve conduzir a justiça e a igualdade entre os homens. O fazer poético de Casaldáliga enfatiza o processo que “se hace al pasar/ labrando en el día a día”, o percurso ideológico e cristão que norteiam “La Historia”. “Em Pedro, a poesia e a profecia são mescladas e transpassadas pela fé, aprofundando-se em anúncio, denúncia, convocação, exortação, indicação, chamado, apelo” (TAVARES, 2016, p. 104). O poema conduz a travessia, o eu-poético de mãos dadas ao “Peregrino” diz: “Nuestra hora”. Ao fazer essa afirmação, estabelece um diálogo coletivo. O Peregrino precisa apropriar-se dessas vozes para encontrar “su camino”, para despertar o homem adormecido dentro dele.

Pedro Casaldáliga não deixa de ser religioso, mesmo sendo poeta. Seu perfil literário serve de anteparo, muitas vezes, ao seu papel intelectual. Sua poesia é carregada desse desejo clérigo onde a justiça e a paz reinarão

sobre a terra. A maior das utopias? Talvez. Mas seja no plano terreno ou no plano espiritual, esse desejo/sonho é presente tanto na obra poética quanto na obra missionária e profética de Casaldáliga de forma intrínseca (SANTOS, 2018, p. 147).

A vida religiosa e militante de Pedro Casaldáliga promove uma produção artística lavrada no dia a dia, que busca sabedoria divina, no exemplo de Jesus que caminhou entre pobres e excluídos. A aspiração presente em cada verso nomeia o florescer da liberdade, sua obra é a própria luta por justiça e paz, a voz do oprimido ante o opressor, o caminho que convoca à liberdade.

O verso “Recoge toda la sangre”, a voz poemática conduz a colheita para que apenas os bons frutos sejam conduzidos ao corpo e à vida do “Peregrino”. O “sangue” como condutor da vida propicia o renascer, que energiza o ser “en el sol que alumbra ya”. Os elementos sangue e sol simbolizam “tudo que é belo, nobre, generoso, elevado” (CHEVALIER, 2012, p. 800). O nascer do sol é a imagem do homem que amplia sua consciência ao encontrar a lucidez, a reflexão leva-o a ter consciência de si mesmo e de todos que encontram-se a sua volta.

Nos versos, “El alerta, de los viejos; / de los mozos, el afán; / la libertad de los indios/ y de los niños, la paz”, ocorre uma gradação que descende, perpassa as peculiaridades dos ciclos diferentes da vida, advém da velhice e chega a criança. Habilidades que representam a construção humana identitária. O sujeito construído sob valores consistentes terá o fervor para enfrentar as insurgências diárias.

As origens são raízes que devem ser cultivadas para que a relação entre o passado e o futuro sejam a força responsável pela resistência do presente. O poeta sabiamente escreve as palavras “Pueblo” e “Historia” com iniciais maiúsculas, elementos significantes que demonstram a preocupação com o resgate da cultura, “del canto”, que lentamente foi transformado em memória.

Nesse movimento “el ritmo de tu marchar” é construído a partir do aconselhamento elíptico ao Peregrino, “deja nostalgias atrás” e apropria-se de “la esperanza”. Ao propagar a sabedoria vinda das histórias de seu povo, o homem reacende a aliança de grupo, retoma o equilíbrio natural que “Sacude el largo letargo” e resgata os ritmos responsáveis para viver “su mañana ya”.

Conclusão

A construção poética analisada em “El hombre nuevo” e “Camino que uno es” representa a luta pelo direito do ser livre, em que a voz poética busca um caminho para resistir à submissão, e compor uma nova atmosfera preocupada com as condições sociais. O processo identitário foi construído ao decorrer dos versos com imagens fortes do renascimento, marcadas por palavras como: liberdade, batismo, caminho e sangue. O homem novo e o caminho parecem bifurcar-se. Todavia, complementam-se enquanto manifestação poética com vistas ao devir.

No primeiro poema, analisado neste artigo, o sujeito lírico se dirige a Maria, inacessível no plano real, no entanto, acessível no plano espiritual. O gênero epistolar/lírico é um recurso estilístico que aproxima o eu-lírico à divindade cristã. Os versos apresentam uma linguagem intimista, que particulariza “sua dependência necessária das palavras tanto quanto sua luta para transcendê-las” (PAZ, 1982, p. 246). O sujeito renuncia o assimilacionismo, rompe com o silêncio ao cantar suas dores e suplica que o faça “El hombre nuevo”.

No segundo poema, a figura do peregrino simboliza o homem em busca da sua essência. A voz presente nos versos de “Camino que uno es” orienta a travessia, “se não há caminho, o caminhante o abre caminhando, é a lição do poeta Antônio Machado. Autoconsciência não é paralisia” (BOSI, 2000, p.143). O intertexto

instaura a importância do movimento, para renunciar a estagnação e o domínio político. Ao enfrentar as lutas sociais, o sujeito resiste ao apagamento das memórias e reencontra o sentido de coletividade abalado pela submissão.

A poesia, segundo Pedro Casaldáliga, é: “Tudo o que pode a palavra humana, potenciada pela beleza; e a palavra, depois do sangue, é sempre o “poder” maior. Somos palavra, dizem os Guarani. Herdeiros da Palavra criadora” (CASALDÁLIGA, 1989, p.18). Nos poemas analisados, a palavra é a própria orientação, a voz que clama ao “hombre nuevo”, e que ilumina os passos do “Peregrino”. A repressão é combatida pelos cantos que evocam o sagrado e também o direcionamento frente às insurgências. Os versos, “Haz del canto de tu Pueblo / el ritmo de tu marchar”, emergem a coletividade que denuncia e resiste diante do poder.

O intertexto bíblico aproxima os dois poemas analisados. No primeiro poema a voz do eu-lírico representa um ser em construção, que deseja entregar-se às águas batismais, rito que purifica sua essência e faz ecoar seu grito de liberdade. No segundo poema, o eu-poemático aconselha, por intermédio da sabedoria cristã, o “Peregrino” a seguir a direção da verdade e da igualdade entre os homens. As palavras poéticas de Pedro Casaldáliga simbolizam a interseção protetora, o compromisso com o povo, a luz que acende as consciências ofuscadas pela opressão. Os poemas analisados, mostram a dualidade do cristão e combatente, que enlaça sua poética à luta de um povo.

Referências

BÍBLIA, A. **A Bíblia de Promessas**. Tradução: Luiz Sayão. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2008.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Leitura de poesia** (org. de Alfredo Bosi), São Paulo, Ática, 1996.

MACHADO, Antonio. **Poesias completas.** Madrid: Espasa-Calpe, 1978.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e marginalização social.** (SND). Clamor elemental Salamanca: Sígueme, 1971.

_____. **Cantares de la entera libertad:** antología para la nueva nicaragua. Panamá: Instituto Histórico Centroamericano, IHCA., 1984.

_____. **Águas do Tempo.** Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1989.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos.** Trad. Vera da Costa e Silva... [et al.] 26 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

KUNDERA, Milan. **A cortina:** ensaio em sete partes. Trad. Teresa Bulhoes Carvalho da Fonseca. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MAGALHÃES, H. G. D. **História da Literatura de Mato Grosso:** século XX. Cuiabá: UNICEM, 2001.

RIFATERRE, Michael. **Estilística estrutural.** Trad. Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1973.

SAID, E. **Representação do Intelectual:** as Conferências Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Edson F. **Esperança e libertação:** Interfaces de uma utopia na/ pela Poesia de Agostinho / Neto e Pedro Casaldáliga. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - UNEMAT. Tangará da Serra. 2018.

SOUZA, Shirlene R.; FERREIRA FILHO, B. R. **Pesares, pensares e ações:** educação, literatura, filosofia e outros olhares para o contemporâneo. Org. Aroldo José Abreu Pinto, Benjamin Rodrigues Ferreira Filho, Shirlene Rohr de Souza. São Paulo: Editora FAEF, 2018.

TAVARES, Emerson Sbardelotti. A Cruz de Cristo nas Cruzes todas: profecia e poesia em D. Pedro Casaldáliga.: profecia e poesia em D. Pedro Casaldáliga.. **Teoliterária:** Revista de Literaturas e Teologias., São Paulo, v. 6, n. 11, p. 92-121, jul. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/teoliteraria/article/view/2236-9937.2016v6n11p92-121/20168>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Anexo

EL HOMBRE NUEVO

(Procesados por la represión, escribo a mi madre.)

Silencio y llanto y grito,
es la palabra que me llena ahora
la boca y el espíritu:
¡la libertad!

Con cantos compañeros
que la regaron de sangre
para que floreciese sobre los demás,
yo sufro y canto y velo
la libertad.
La de los Pobres, madre:
madre, la de Cristo:
la entera Libertad!

Si me bautizas otra vez, un día,
con el agua y la sal
de la mejor memoria
-con todos los caídos y los que se erguirán-,
a Dios y al Mundo, madre,
les dirás
que me pusiste el nombre nuevo
de Pedro-Libertad!

CAMINO QUE UNO ES

(A Antonio Machado, desde el Tercer Mundo)

Peregrino,
sólo hay camino,
no más.

Casa y labrantío
no sé si tendrás.
Tierra para sepultura
todos no van a encontrar.

Peregrino,
solo hay camino,
no más. Nada mais

Camino que uno es,
que uno hace al andar.
Para que otros caminantes
puedan el camino hallar.
Para que los atascados
se puedan reanimar.
Para que los muertos
no dejen de estar.

Camino que uno es,
que uno hace al andar.

Si nos cerca la alambrada,
somos brazos por demás.
Si la noche se te cierra,
enciende la oscuridad
juntando todos los ojos
que van por donde tú vas.

Dios es Dios
en todo y siempre.
La Historia se hace al pasar,
labrando en el día a día
nuestra hora y su lugar.

Recoge toda la sangre
en el sol que alumbra ya.
El alerta, de los viejos;
de los mozos, el afán;
la libertad de los indios
y de los niños, la paz.

Haz del canto de tu Pueblo
el ritmo de tu marchar.
Sacude el largo letargo,
deja nostalgias atrás,
Quien camina en la esperanza,
vive su mañana ya.